

A “melação” do projeto de ocidentalização da América: um olhar sobre o documentário *Los paraguayos*¹

Fabiana Santos da Silva

Graduanda em História da América Latina
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Resumo

O documentário *Los paraguayos*, do roteirista e diretor paraguaio Marcelo Martinessi, constitui o objeto de estudo deste artigo. Segue-se como objetivo apresentar a ideia de “simulação” e “melação” posta pelo autor Hector Hernan Bruit. A partir da sua obra *Bartolomeu de Las Casas e a simulação dos vencidos*, sugere-se que o indígena não foi um expectador passível, como retratado pela maioria das narrativas históricas. Refletir sobre o tema da resistência indígena, desvinculada de uma visão histórica que se pretende cada vez menos colonizada, é fundamental para o despertar da história latino-americana a partir da própria América Latina.

Palavras-chave:

Ocidentalização da América.
Simulação.
Indígena

1 Esta reflexão foi realizada no âmbito da disciplina de Fundamentos da América Latina II, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Renato Silva.

A presente reflexão está inserida na área de estudos referente à História da América Latina. Há muitos anos, a história dessa região tem sido tratada como uma espécie de adendo da história europeia, criando muitas lacunas no conhecimento a respeito da cultura e formação latino-americana. O preenchimento dessas lacunas demanda um questionamento das narrativas históricas que a coloca em um *status* de passividade e menor importância. Esse enfoque tem sido dado, sobretudo, com os estudos sobre os temas “colonialidade/modernidade” e “descolonialidade”.

Esta reflexão versará a respeito da resistência indígena, apresentando como problema demonstrar como é possível duvidar das narrativas históricas que dão a ideia de que os povos indígenas foram passivos à ocidentalização do continente americano. A partir da obra *Bartolomeu de Las Casas e a simulação dos vencidos*,² do autor chileno Hector Hernan Bruit, é possível sugerir que o indígena não foi um expectador passível, como se subentende em muitas narrativas históricas a respeito da colonização da América por parte dos europeus.

Tendo como objeto de estudo o documentário *Los paraguayos*, do roteirista e diretor paraguaio Marcelo Martinessi,³o objetivo desta reflexão é discorrer sobre a ideia de “simulação” e “melação” desenvolvida por Bruit. Para isso, faz-se necessário abordar sobre esses termos enquanto mecanismos de defesa por parte dos indígenas; dialogar com autores de perspectivas diferentes; e mostrar como o documentário contribui para exemplificar a perspectiva proposta por Bruit.

Ao marco teórico somam-se as contribuições do professor Helder Alexandre Medeiros de Macedo,⁴ acerca do conceito e ideia de ocidentalização; e do autor Miguel León Portilla,⁵ como um contraponto à perspectiva de Bruit acerca dos indígenas à época da colonização.

O projeto de ocidentalização da América

Apesar da sua origem nos estudos geográficos, hoje o termo “Ocidente” tem um sentido quase que exclusivamente cultural, indicando sociedades de culturas originalmente europeias ou fortemente influenciadas por ela. A cultura ocidental abarca um conjunto de tecnologias, valores éticos e morais, tradições, normas sociais, sistemas políticos e crenças religiosas que atravessaram séculos à medida que a Europa estabelecia a sua supremacia no mundo por meio da ocidentalização.

É muito difícil definir “Ocidente” sem reproduzir valores preconceituosos. O Ocidente católico nasceu em contraposição ao Oriente islâmico. O próprio termo

2 Héctor Hernan Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

3 Marcelo Martinessi, *Los Paraguayos*. TAL. Série: Os latino-americanos. Cor, 54 min. Disponível em: <http://tal.tv/video/los-paraguayos/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

4 Helder Alexandre Medeiros de Macedo, *Oriente, ocidente e ocidentalização: discutindo conceitos*. Revista da Faculdade do Seridó, v. 1, n. 0, jan./jun. 2006. Disponível em: http://www.faculadadedoserido.com.br/revista/v1_n0/helder_alexandre_medeiros_de_macedo.pdf. Acesso em: 12 jun. 2015.

5 Miguel León Portilla, *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. Porto Alegre: L&M, 1985. P. 9-24; 128-152.

surgiu como forma de se contrapor ao Oriente visto como pagão. Em Macedo,⁶ é possível identificar as seguintes heranças que a cultura ocidental reúne para se autodefinir: cultura judaico-cristã; invenção da cidade pelos gregos; cultura latina; direito romano; propriedade privada; noção de pessoa com o humanismo; Revolução Papal do século XI ao XIII com a imposição do poder espiritual sobre o temporal; fortalecimento dos Estados nacionais; nacionalismos; democracia liberal burguesa; Modernidade; liberdade política e intelectual; ciência; racionalidade; e desenvolvimento tecnológico.

Macedo chama a atenção para o forte etnocentrismo impregnado nessa auto-definição que propaga a superioridade da cultura ocidental. O autor faz uma crítica ao francês Philippe Nemo em sua obra *O que é o Ocidente?* por sugerir a superioridade do Ocidente sobre outras formas de organização. Para Nemo, as culturas orientais jamais terão progresso material, tecnológico e social, a não ser que se ocidentalizem. Como a América Latina é vista nesse caso? Macedo explica a forma como ela é retratada:

A problemática da América Latina - inclusive dessa nomenclatura - e de sua inserção no circuito econômico mundial pode ser encontrada em ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente: introdução a América Latina*. Para o autor, cientista político e embaixador da França no México, os países tidos como 'latinos' constituem uma América periférica e que culturalmente pertence ao Ocidente. Pelo fato da maioria desses países serem subdesenvolvidos, a América Latina pode ser encarada como o "Terceiro Mundo do Ocidente" ou o 'Ocidente do Terceiro Mundo'.⁷

Nota-se que a classificação da América Latina à condição de "Terceiro Mundo do Ocidente" parte de um ponto de vista eurocêntrico. A questão é: até que ponto a América Latina está disposta a se ocidentalizar como forma de se desvencilhar de estereótipos que lhe conferem sentenças de atraso político, econômico ou social? É possível avançar, mas percorrendo por caminhos que não o modelo ocidental?

A palavra "ocidentalização" anda lado a lado com termos como "modernidade" e "colonização". Macedo define a ocidentalização como o "movimento de difusão/imposição da cultura ocidental nas colônias dos impérios ultramarinos - em outras palavras, à conquista das almas, dos corpos e dos territórios do Novo Mundo".⁸ Esse movimento data do século XV, à custa do capitalismo comercial.

Ignorando as sociedades ali já estabelecidas, os europeus logo intentaram construir réplicas do seu modelo de sociedade nos territórios recém-conquistados. Isso implicou na reprodução de instituições políticas, econômicas, sociais e culturais. A tentativa de replicação do catolicismo junto aos indígenas é um dos exemplos mais nítidos.

6 Macedo, *Ocidente, ocidente e ocidentalização*, p. 10.

7 Macedo, *Ocidente, ocidente e ocidentalização*, p. 11.

8 Macedo, *Ocidente, ocidente e ocidentalização*, p. 16.

A ideia de “melação” e “simulação” do autor Hector Hernan Bruit:

Hoje, a América Latina tem muito de ocidental. Todavia, há autores que negam que esse processo se consumou da forma pretendida pelos seus idealizadores. O chileno Hector Hernan Bruit, após dedicar boa parte da sua vida acadêmica aos estudos sobre a América, desenvolveu a ideia de “simulação”, despertando no leitor um olhar mais crítico a respeito da imagem de fraqueza e derrota indígena cristalizada pela História.

Em Bruit, a simulação é uma forma de vencer. Segundo o autor, “os índios simularam obediência, passividade, servilismo para salvar a pele e, especialmente, sua cultura. [...] uma forma de representação, tanto do ponto de vista semiológico, como do ângulo da teatralidade”.⁹ Por exemplo: ao perceberem a avidez dos recém-chegados na busca do ouro, eles criaram histórias a respeito de cidades longínquas feitas de ouro puro e maciço, na tentativa de verem os espanhóis longe de suas terras. Surgiu aí o mito do Eldorado.

Em Bruit, a simulação foi um mecanismo de resistência utilizado pelos indígenas diante da recente chegada do Estado espanhol. Para demonstrar isso, o autor recorre a escritos deixados por importantes personalidades do século XVI, tais como Bernardino de Sahagun, José de Acosta, Diego Durán, Guaman Poma de Ayla e, especialmente, do frade Bartolomeu de Las Casas.

Bernardino de Sahagun foi um frade franciscano espanhol. Partiu para a Nova Espanha (México) em 1529. Foi um investigador atento da cultura asteca e da língua náuatle. Boa parte da sua pesquisa está na sua obra *História geral das coisas da Nova Espanha*, na qual faz constar que “por falta de um saber sobre isto, eles praticam a idolatria em nossa presença sem que possamos descobri-los”.¹⁰ Para Sahagun e outros espanhóis mais atentos, estudar a cultura indígena não era ação de menor valor. Muito pelo contrário, conhecer os códigos culturais desses povos serviria para melhor dominá-los.

O jesuíta José de Acosta partiu para a América em 1571. Estabeleceu-se em vários lugares, sobretudo no Peru e Nova Espanha. Justificou a necessidade de se conhecer a cultura indígena para êxito da colonização. Ele defende:

[...] pode ser útil para muitas coisas ter notícias dos ritos e cerimônias que usavam os índios. Primeiro, nas terras onde isso se usou, porque é útil e necessário que os cristãos e mestres da lei de Cristo saibam dos erros e superstições dos antigos, para ver se com clareza ou dissimuladamente as usam agora os índios.¹¹

Importante lembrar que a intenção de se conhecer a cultura indígena defendida por esses personagens foi no intuito de melhor servir aos interesses da colonização. Há muitas críticas, inclusive, ao próprio Bartolomeu de Las Casas. Sacralizado

9 Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 14-15.

10 Sahagun *apud* Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 170.

11 Acosta *apud* Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 170.

pela História como um grande defensor dos índios, ele não se opôs à conquista espanhola. Afinal, era uma porta aberta para expansão do catolicismo. Sua crítica foi à forma violenta como essa conquista vinha sendo feita, criando resistência por parte dos indígenas.

Já Diego Durán foi um frade dominicano e profundo conhecedor da língua náuatle. Os indígenas simularam tão bem a conversão à religião cristã que, por um tempo, Durán acreditou que eles já tinham entrado em contato com o catolicismo muito antes da chegada dos espanhóis. À medida que o olhar de Durán se aperfeiçoou, ele percebeu que os indígenas não tinham abandonado a crença nos seus mais diversos deuses, o que para a Igreja Católica se configurava no terrível pecado da idolatria: “não terás outros deuses diante de Mim.”¹² Durán relata que:

[...] nos mitotes, nos mercados, nos banhos e nos cantares que cantam, lamentando seus deuses e seus senhores antigos, nas comidas e banquetes [...] em tudo há superstição e idolatria; na sementeira, na colheita, na armazenagem, nos celeiros, até quando lavram a terra e edificam as casas.¹³

Definitivamente, as coisas não estavam saindo como planejado, pois “houve situações em que os índios mostraram-se cristãos apenas para agradar os sacerdotes. As causas podiam ser o medo apontado por Las Casas ou simplesmente o desejo, mais ou menos consciente, de enganar em nome da idolatria”.¹⁴ A divindade cristã foi apenas mais uma no panteão indígena.

Para a Igreja, isso foi desesperador e inadmissível, embora tenha se imaginado inicialmente que a conversão dos índios ao catolicismo seria bastante fácil, como se fossem tábulas rasas. Na famosa Carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal Dom Manuel I, redigida em 1500 da frota de Pedro Álvares Cabral, registrou-se a seguinte impressão:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. [...] não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé [...]. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons.¹⁵

Os índios não apenas simularam caminhar para uma progressiva conversão à cultura ibérica, como se apropriaram dos códigos dessa cultura ainda estranha para adquirir vantagens. É fato que muitos indígenas aprenderam a falar, ler e escrever na língua do colonizador. Segundo Bruit, passaram a ser contratados como

12 Ex: 20,3. In: *Bíblia Sagrada português-inglês*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

13 Durán *apud* Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 173.

14 Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 181.

15 Portal Domínio Público, *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

intérpretes, mas esse elevado nível de conhecimento causou muitos problemas à administração da colônia. Afinal, os índios passaram a ter acesso a muitas informações administrativas e obter vantagens disso. Bruit resgata uma observação do peruano Felipe Guamán Poma de Ayala, o qual confirma a apropriação da língua espanhola pelo indígena:

Las dichas yndias destes rreynos debotas [a la] cristiandad entran a los conuentos de monjas. Sauen leer, escriuír y múcica y custorera. Sauen labrar, cozer tanto como española, ladina y hazen puntas y lauandera linpias, panaderas, cozeneras, despenseras y demás oficio. Todo lo que saue las españolas lo sauen y trauajan mejor que los hombres y sauios y cristianas.¹⁶

Guamán Poma, como é mais conhecido, provinha de uma nobre família indígena. Provavelmente nasceu na segunda metade do século XVI. Além do quéchua, foi um profundo conhecedor da língua espanhola, servindo várias vezes como intérprete. Em sua *Nueva crónica y buen gobierno*, com 1.180 páginas e 397 figuras dedicadas ao rei espanhol Felipe III, conta detalhes da sociedade, história e genealogia Inca. Provavelmente essa obra foi escrita entre 1600 e 1615. Católico e tendo o rei espanhol em elevada consideração, propôs mudanças urgentes em benefício do seu povo.

Muitos outros trechos do seu manuscrito atestam que as coisas não saíram como os espanhóis idealizaram. Citado por Bruit, Poma denuncia que “corregedores e padres e encomendeiros querem muito mal aos índios ladinos que sabem ler e escrever, e mais ainda se sabem fazer petições, porque temem que no inquérito administrativo levantem queixas pelos agravos e danos”.¹⁷

Foi a partir dessas leituras que Bruit chegou à conclusão de que o indígena simulou algo que eles nunca foram: vencidos. Esse autor dá o nome de “melação”¹⁸ ao resultado da frustrada tentativa espanhola de fazer da América uma réplica da Europa. Segundo o autor:

Para os espanhóis do século XVI, a questão, amplamente debatida por eles, era saber se os índios podiam aprender a viver como eles. [...] as opiniões emitidas pelos cronistas, corregedores, informes de governadores e vice-reis mostram claramente o desejo dos conquistadores de organizar uma sociedade que fosse semelhante à europeia, isto é, cristã e civilizada ao estilo ocidental.¹⁹

16 Felipe Guama Poma de Ayla, *Nueva crónica y buen gobierno*, p. 838. Det Kongelige Bibliotek. El sitio de Guaman Poma. Disponível em: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>. Acesso em 12 jun. 2015.

17 Poma *apud* Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 175.

18 Segundo o autor, “melação” corresponde à palavra “embarrarla”, a qual é utilizada nos países hispano-americanos para se referir a algo que sofreu estrago. *Embarrarla* também pode significar algo que se perdeu, fracasso e desordem.

19 Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 192.

Sem ignorar o fato de que os índios foram submetidos pelas armas espanholas, a intenção de Bruit é fazer o leitor duvidar daquela costumeira concepção de derrota indígena retratada e repetida pela história eurocêntrica ao longo dos séculos. Se a simulação foi um mecanismo de defesa, o resultado que os povos originários obtiveram foi de “melar” o projeto de sociedade que os espanhóis idealizaram replicar na América. Para Bruit, a simulação:

[...] trata-se de um mecanismo de defesa, de sobrevivência, de deculturação, de resistência, que não foi visualizado nem entendido pelas autoridades nem pela maioria dos espanhóis, que passaram a ser ludibriados politicamente. Ao passo que todos, ou quase todos, enxergavam a maioria vencida, obediente e servil, esta, com atos que não se entendiam, corroía, em silêncio, os alicerces da nova sociedade.²⁰

A simulação teve sua parcela de contribuição para “melar” os planos dos espanhóis na América. Inicialmente foi motivada pelo medo, como forma de salvar a própria pele, porém aos poucos foi incorporada e sistematizada conscientemente como forma de recusa por parte dos indígenas “derrotados e dominados fisicamente, mas não espiritualmente”.

Para Las Casas, o projeto de colonização deu lugar a uma sociedade que nasceu desequilibrada, um projeto que deu errado. Recorrendo aos seus escritos, vê-se que o frade percebeu uma sociedade que crescia “às avessas”, ou seja, dominada pela idolatria, imoralidade dos espanhóis (inclusive por parte do clero), suborno das autoridades, depravação dos corregedores e uma série de outras práticas que dissolviam os planos idealizados para a América.

Permeando esse meio, a simulação indígena teve a sua parcela de participação. Simular foi uma forma de resistência e de ludibriar o colonizador, fazendo-o pensar que as coisas estavam indo bem. Vestiu a roupa do europeu, participou dos rituais cristãos e aprendeu a língua do colonizador para melhor se proteger da ira das autoridades espanholas.

Documentário *Los paraguayos*

Los paraguayos é um documentário do ano de 2006 dirigido pelo diretor de cinema Marcelo Martinessi, natural de Assunção, Paraguai. Graduou-se em Comunicação pela Universidad Católica de Asunción e fez mestrado em Cinematografia pela London Film School no Reino Unido. Sob uma ótica social, destacam-se na sua produção fílmica a literatura e a identidade paraguaia, o que já lhe rendeu 20 prêmios em festivais internacionais de cinema.

Sua grande ambição é a criação de uma TV pública no Paraguai, de forma que os grupos marginalizados possam exercer a sua cidadania através dos meios de

20 Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 169.

comunicação. Outro diferencial seria a forte presença da língua guarani. Em suas palavras:

Me entusiasma el proyecto del canal público paraguayo, si es que puede crear un espacio verdaderamente paraguayo, donde haya programación y noticias paraguayas, donde el guaraní tenga una fuerte presencia y donde los que están históricamente marginados de los medios, por equis razones, en muchos casos incluso por cuestiones involuntarias a los medios, se sientan parte de este proceso. En países como Chile, por ejemplo, la tv pública nació en un momento de una gran emergencia ciudadana, justo antes de Allende. En Argentina lo primero que transmitió fue un manifiesto político de Eva Perón, en 1951. La televisión pública es la consecuencia de una emergencia ciudadana. En este momento hay un fuerte deseo del paraguayo de ocupar el espacio público y yo quiero estar ahí.²¹

Ao longo de 54 minutos, há uma série de falas de historiadores, antropólogos, escritores, artistas e pessoas do povo. Trata de temas como a resistência dos povos guaranis; a busca da *tierra sin mal*; as duras guerras por definição de fronteiras; a reconstrução do país por força das mulheres; e os anos difíceis sob a ditadura de Stroessner. Essa produção é uma iniciativa da TAL (Televisão América Latina), cuja sede está em São Paulo. Funciona como uma rede de divulgação da produção audiovisual de todos os países latino-americanos. Além de integrar a comunicação da região, serve como espaço de pesquisa com acervo que pode ser acessado no mundo todo.

A respeito de *Los paraguayos*, quais passagens Bruit extrairia para demonstrar a ideia de simulação indígena ou de melação do projeto de ocidentalização da América? Entre elas, certamente seria a seguinte fala do diretor de orquestras Diego Sanchez Haase:

*Estamos em Yaguarón. É uma das amostras das missões franciscanas. Estreamos aqui, nesta igreja, uma reconstituição de uma missa dos Guarayos. O que mais me chamou a atenção é como eles importavam melodias que os franciscanos traziam da Europa e as adaptavam, pondo o texto em sua língua nativa.*²²

A idolatria foi uma das grandes preocupações da Igreja, sendo equiparada ao culto aos demônios. Os índios traduziam as orações cristãs para a língua nativa, mas adicionavam o louvor a outros deuses, sem que os espanhóis soubessem. Os nomes das divindades cristãs permaneceram iguais ou semelhantes ao espanhol, mas eram misturados com divindades indígenas ludibriando os jesuítas. A esse respeito, Bruit faz a seguinte observação:

21 Portal Guarani. *Biografía Marcelo Martinessi*. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/896_marcelo_martinessi.html>. Acesso em: 21 jun. 2015.

22 Este trecho e os demais subsequentes que se encontram em itálico são citações retiradas do documento *Los paraguayos*. Decidi mantê-las nessa formatação a fim de diferenciá-las das citações de livros.

Podemos imaginar a importância para os indígenas de fazer suas festas e rezas em sua própria língua, para exprimir, sem limitações, seus sentimentos contrários aos espanhóis, misturar as duas religiões e transformar Cristo em mais um ídolo, sem serem entendidos nem pelos frades.²³

A simulação foi um importante mecanismo de defesa e sem dúvidas puderam simular muitas coisas ao intercalar o espanhol com a língua nativa. No Paraguai, por exemplo, permanece até os dias de hoje uma herança cultural indígena riquíssima e que permeia toda a sua sociedade. A língua guarani é falada por cerca de 80% da população do país e pode ser um ponto de partida para explicar a preservação dessa cultura. Em *Los paraguayos* destaca-se, por exemplo, a fala do sacerdote Bartolomeu Meliã:

Nós paraguayos, temos muito de guarani. Graças à língua ficaram muitas coisas.

Los paraguayos retrata ainda o isolamento geográfico do país: “uma ilha rodeada por terra”. À simulação ajuntaram-se outros fatores que convergiram na preservação da cultura indígena e na melação do projeto de ocidentalização pretendido pelos espanhóis. O isolamento, como colocado no documentário, não parece ser algo negativo do ponto de vista paraguaio. A fotógrafa paraguaia Gabriela Zuccolillo, por exemplo, diz:

E acho que continua essa questão de isolamento. Mais interessante do que querer nos abirmos, é trabalhar esse isolamento como algo maravilhoso. Uma das coisas que mais me fascina de viver no Paraguai, é que ainda temos tempo. Ter tempo talvez seja uma das maiores riquezas do homem... então... poder ter o tempo que temos aqui... Não estamos todo o tempo presos à última tendência, ao filme de fulano...

No que concerne ao isolamento posto por Zuccolillo, é possível enxergar a autonomia da cultura indígena em conservar o Paraguai para si e que, não por acaso, é maioria no país. Seria um caso de descomprometimento com o modelo de desenvolvimento ocidental por parte da nação indígena? Certamente, uma proposta bastante interessante para futuras análises. Na fala da avá-guarani Kunã Yve consta:

Apesar de não sermos muitos, nós sempre continuamos aqui, conservando os nossos rituais e nossa cultura antiga.

Essa fala de Kunã Yve pode ser relacionada com um fato bastante interessante ocorrido no ano de 2013. Em uma de suas matérias, a TV britânica BBC qualificou a comunidade paraguaia Ayoreo Totobiegosodes como atrasada e primitiva. A comunidade reagiu e, em dezembro do mesmo ano, através da Survival International, enviou uma carta à BBC defendendo o seu modo de vida. A seguir, seu conteúdo:

23 Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 177.

*Escuchamos que alguna gente cojñone dijo que Nosotros los Ayoreo Totobiegosode, y nuestros parientes en el monte, vivimos en el pasado, que no somos modernos, que vivimos atrasados. **Decimos que las palabras moderno, o no moderno no nos sirven.** Nosotros los Ayoreo Totobiegosode, y la gente del monte, **vivimos como queremos vivir. Nuestra cultura tiene su propio camino.** Los que ya estamos en contacto con los cojñone conocemos como viven ellos, lo que ellos dicen progreso. No se puede obligar rala gente del monte a dejar de vivir como ellos quieren vivir. Y nosotros vamos a seguir viendo como Ayoreo. **Podemos decir también que todos nosotros somos modernos porque existimos como Ayoreo, como existen los otros,** los cojñone. No queremos que los cojñone que vinieron de otra parte nos quiten nuestra tierra, donde estamos y donde vivieron nuestros padres y nuestros abuelos. Conocemos que las normas Constitución Nacional del Paraguay y Convenio 169 dela OIT, entre otras, y la misma Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas garantizan nuestros derechos consuetudinarios, nuestros derechos como pueblos particulares. Nosotros no venimos de otros países a esta tierra, a estos bosques. Ese lugar donde siempre estuvimos y no queremos que nos quiten nuestras tierras, nuestros montes, como hacen los brasileños y otros extraños. Vivimos como ayoreo e el bosque que nos alimenta; no necesitamos ir a la ciudad donde los alimentos son muy caros. (Grifo nosso) ²⁴*

Em relação aos trechos anteriormente negritados, vale resgatar o seguinte trecho de Bruit no qual ele observa que “o surpreendente na história da conquista e apesar da destruição e do genocídio é que os índios sobreviveram física e culturalmente, e sua presença, de algum modo marcante em quase todas as sociedades do continente, é um fato em face do qual não se pode fechar os olhos.”²⁵

O fato dos índios terem resistido até os dias de hoje leva-se a questionar se de fato eles foram vencidos pela colonização europeia, pois em muitas passagens do documentário fica evidente o quanto o Paraguai transpira a vontade e autonomia da cultura indígena. Dessa forma, como atribuir fracasso a uma cultura que tem autonomia na construção do seu país? Ressaltando novamente o que foi colocado pela comunidade paraguaia Ayoreo Totobiegosodes, “vivimos como queremos vivir. Nuestra cultura tiene su propio camino”. Na opinião de Bartolomeu Meliã:

Eu acho que o Paraguai é como toda a nação da América Latina. Nós nos construímos a partir do que somos, mas também a partir do que queremos ser. E nos construímos não só a partir da história real, mas também da história imaginada.

Aplicando as lentes de Bruit, o Paraguai com sua maioria indígena venceu. Todavia, através das lentes de outros autores, culturas como a do Paraguai emergem novamente como vencidas. É uma perspectiva, por exemplo, de Miguel León Portilla presente em sua obra *A visão dos vencidos*. A obra endossa as narrativas históricas sobre a conquista da América espanhola, uma espécie de antologia de relatos escritos deixados pelos próprios indígenas.

Enquanto Bruit tende para o lado de que os índios se fizeram de vencidos, a percepção de Portilla é de que eles foram de fato vencidos. Portilla expõe:

²⁴ Survival international, *Palabras de la OPIT a los cojñone*. Disponível em: <http://assets.survivalinternational.org/documents/866/palabras-de-la-opit-a-los-cojnone.pdf>. Acesso em 12 jun. 2015.

²⁵ Bruit, *Bartolomé da Las Casas e a simulação dos vencidos*, p. 154.

O que pensaram os índios ao ver chegarem às costas e aos povoados os descobridores e conquistadores? [...] Como conceberam a sua própria derrota? [...] Cabe-nos tratar agora, com a brevidade que exige esta Introdução, da origem e do modo como foram escritos e pintados os vários depoimentos deixados por homens de cultura náhuatl, vários deles testemunhas da Conquista, e que constituem o que temos chamado de uma visão dos vencidos.²⁶

De fato, os povos originais da América foram fisicamente submetidos pelas armas e doenças europeias. Porém, como atribuir a ideia de vencido a um povo que resiste até os dias de hoje com tantos traços da sua cultura a exemplo do Paraguai? Como essa ideia se formou e se consolidou ao longo de vários séculos? A resposta talvez esteja na formação da História oficial que marginaliza muitos grupos das narrativas históricas. Para Portilla:

Um estudo comparativo dos textos e pinturas indígenas que acabam de ser descritos mostrará sem dúvida numerosos pontos de conflito em relação a diversos relatos e crônicas espanholas da Conquista. Contudo, mais que constatar diferenças e possíveis contradições entre as fontes indígenas e as espanholas, interessam-nos aqui os textos que vêm a acrescentar enquanto testemunho profundamente humano, de alto valor literário, deixado por aqueles que sofreram a tragédia máxima: a de ver destruídos não só as suas cidades e os seus povos, mas também os alicerces da sua cultura.²⁷

De forma alguma, pretende-se diminuir a importância da obra de Portilla, mas compreender como certas percepções são formadas e perpetuadas. Apesar das perspectivas diferentes (índios que se fizeram de vencidos *versus* índios vencidos de fato), as obras de Bruit e Portilla são muito semelhantes no sentido de relatar a resistência indígena. Embora Portilla tenha se proposto à importante tarefa de dar voz aos relatos indígenas, questiona-se o fato de o autor tê-los retratados como vencidos.

Em *Los paraguayos*, Bartolomeu Meliã lembra que o Paraguai ainda vive sobre os ditames da colonialidade, mas como ele mesmo coloca, não só o Paraguai, mas toda a América Latina. Porém, por que isso é retratado como uma sentença final de derrota, mesmo após mais de 500 anos de resistência permanente da cultura indígena?

A forma como um autor encerra uma obra e se despede do leitor diz muito a respeito do seu ponto de vista. Portilla escolhe terminar a sua obra dizendo que “talvez o melhor final que possa dar-se à Visão dos Vencidos seja a transcrição de uns quantos icnocuícatl, cantos tristes, verdadeiras elegias, obras dos cuicapicque ou poetas nahuas da era pós-Cortés”. Por outro lado, Martinesse se apropria de um tom mais positivo ao escolher terminar *Los paraguayos* com a fala da historiadora Milda Rivarola:

26 Portilla, *A visão dos vencidos*, p. 10, 12.

27 Portilla, *A visão dos vencidos*, p. 19.

O Paraguai é um país que nós construímos, tem um território indefinido, uma história conflitante, mas nós a construímos com nosso desejo ou nossa paixão. É obra nossa não é? É obra dos paraguaios.

Terminar o documentário com essa fala é muito significativo, pois deixa como mensagem final que o Paraguai é autônomo em sua construção, não é um país fracassado. Foi escolha sua adotar um modelo de sociedade tão seu, tão autônomo, tão indígena. Como observado por Canclini em relação à América Latina em geral, “não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo, como apregoam políticos, economistas e a publicidade novas”.²⁸

Considerações finais

Vários fatores contribuíram para que a cultura indígena na América Latina resistisse, mesmo durante mais de 500 anos de investida da cultura ocidental. Um dos fatores vistos neste artigo foi a simulação. Essa nasceu como uma ação impensada diante da necessidade de reagir rápido e salvar a própria pele, mas ao longo dos anos ela se sistematizou.

Simular é uma forma de vencer. Isso é o que fica da leitura da obra *Bartolomeu de Las Casas e a simulação dos vencidos* do autor Héctor Hernan Bruit. No entanto, a imagem do indígena como derrotado prevalece na maioria das narrativas históricas. Essas mesmas narrativas sustentam a imagem da América Latina como atrasada, às margens da cultura ocidental.

Não há como dizer qual desses dois pontos de vista estão corretos, pois cada um se sustenta com argumentos bem coerentes. Todavia, é possível identificar-se com esse ou aquele posicionamento. Como pode ser observada, esta reflexão está mais próxima das ideias de Bruit, mesmo porque essa é uma forma de desconstruir narrativas históricas que minimizam a importância da cultura e história latino-americana.

Além disso, a ideia de simulação aproxima-se dos estudos cada vez mais frequentes em torno de temas como “colonialidade/modernidade” e “descolonialidade”. E mais: pode nos despertar para a simulação presente até os dias de hoje como forma de resistência, não apenas entre os indígenas, como também entre vários outros grupos sociais na América Latina.

28 Nestor Garcia Canclini, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 17.